

A Campanha de Alceu Collares para o Governo do Rio Grande do Sul em 1990¹

Maria Berenice da Costa MACHADO²

Fernanda Andricopulo NOSCHANG³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS

Resumo

A terceira campanha para o executivo estadual, em 1990, inaugura a disputa em dois turnos e acontece com limitações financeiras. No Rio Grande do Sul vários candidatos postulam o cargo, atacam o líder nas pesquisas e agitam o clima da eleição. Alceu Collares, do Partido Democrático Trabalhista, vence os dois turnos e torna-se o primeiro negro a governar o estado sulista. Inferimos que as características pessoais do político – carisma, boa oratória, simplicidade e humildade – junto com a simpatia dos gaúchos pelo trabalhismo, possam ter contribuído para o sucesso. Este artigo, com base teórica e metodológica nos campos da Comunicação, da Política e da História, reflete sobre o contexto político e eleitoral, os vínculos históricos do trabalhismo no Sul, apresenta a biografia e a trajetória do candidato, coteja e analisa o conteúdo da campanha, para compreender as estratégias, a estética e os argumentos de Collares.

Palavras-chave: Campanha eleitoral; Carisma, História; Alceu Collares; Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Fundamental para o processo de redemocratização, após mais de vinte anos de Regime Militar, foi a retomada da prática eleitoral nos estados a partir de 1982. Governador foi o primeiro cargo do poder executivo a recuperar o status “eleito pelo voto direto e popular”⁴. No Brasil as campanhas eleitorais voltam a movimentar o cenário político, partidário e as ruas. No Rio Grande do Sul (RS) quatro candidatos disputam a primeira eleição ao governo: Jair Soares, pelo Partido Democrático Social (PDS), concorreu e venceu Pedro Simon, do Partido do Movimento Democrático

¹ Trabalho apresentado no GT História da Publicidade e da Comunicação Institucional, integrante do 12º Encontro Nacional de História da Mídia.

² Publicitária e Doutora em Comunicação, Professora do Curso de Publicidade e Propaganda, Fabico/UFRGS. E-mail: mberenice.machado@ufrgs.br.

³ Bolsista de Iniciação Científica (BIC – UFRGS), estudante do 5º semestre, curso de Relações Públicas da Fabico/UFRGS. E-mail: nanda.noschang@hotmail.com.

⁴ A eleição por voto direto para presidente da República ficou interrompida por 29 anos, entre 1960 e 1989.

Brasileiro (PMDB), Alceu Collares, representante do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e Olívio Dutra do Partido dos Trabalhadores (PT)⁵.

Na disputa seguinte, em 1985, é a vez de o povo voltar a indicar o prefeito para as capitais de estados e territórios, das estâncias hidrominerais, das cidades consideradas de “interesse da segurança nacional” e nos municípios de territórios⁶, portanto em grande e significativa parte do País. Alceu Collares é o primeiro eleito para o executivo em Porto Alegre e, nessa condição, candidata-se novamente para o governo do RS, em 1990, campanha objeto deste estudo.

A relevância desse político, o primeiro e único governador negro do Rio Grande do Sul, estado marcado por colonização europeia, entre outros fatores, é o seu vínculo com o trabalhismo. Collares afirma ser “um homem de Partido”, foi do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e ajudou a (re)compor a causa trabalhista sob outras três letras, PDT. Oportuno voltar às raízes históricas do trabalhismo no Rio Grande do Sul (RS), berço de Alberto Pasqualini, Getúlio Vargas, Leonel Brizola e Jango Goulart, políticos vinculados ao PTB, que até 1964 polariza a influência em 54,1% dos municípios gaúchos, opondo-se aos chamados de “anti-PTBs” (Baquero e Prá, 2007).

O Golpe Militar reconfigura o cenário e institui o bipartidarismo: a ARENA⁷ passa a representar as forças e os interesses identificados com o regime, o MDB⁸ agrega a oposição, incluindo parlamentares e militantes do extinto PTB. Situação que se estende por mais de uma década, até o processo de abertura democrática, iniciado pelo general Ernesto Geisel (1974-1979), restaurar o pluripartidarismo. Integrantes do antigo PTB tentam recuperar a sigla, mas esta já havia sido reivindicada por Ivete Vargas, sobrinha-neta de Getúlio. Assim, o grupo decide fundar um novo partido, o PDT.

A redemocratização do País acontece gradativamente, as forças de oposição ascendem ao poder, enquanto alguns apoiadores do antigo regime permanecem integrados ao sistema. Na primeira disputa direta para governador, em 1982, de um total de 22 estados, o PDS (sucessor da ARENA) elege doze, inclusive o do RS, Jair Soares

⁵ Todos os postulantes em 1982 elegeram-se governadores do RS em pleitos seguintes: Simon sucedeu Jair em 1986, Collares em 1990 e Olívio venceu a disputa em 1998.

⁶ A última eleição nessas cidades havia sido 22 anos antes, em novembro de 1963.

⁷ Aliança Renovadora Nacional.

⁸ Movimento Democrático Brasileiro. Com o fim do bipartidarismo, inclui Partido no nome e passa a se chamar Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), mas em 2017, volta à sigla MDB.

(então titular do Ministério da Previdência e Assistência Social no governo do general João Figueiredo, 1979-1985), o PMDB e o PDT contabilizam dez governadores (nove e um, respectivamente), dentre eles Franco Montoro (PMDB/São Paulo), Leonel Brizola (PDT/Rio de Janeiro) e Tancredo Neves (PMDB/Minas Gerais).

Nos anos seguintes, acontecem eleições diretas para prefeito das capitais, mas o presidente segue eleito por um Colégio Eleitoral, portanto sem a participação do povo. Tancredo Neves deveria ter assumido o cargo no dia 15 de março de 1985, entretanto adoece, é hospitalizado na véspera da posse e morre um mês depois. O vice, José Sarney, que recebera o cargo do general Figueiredo, conclui o mandato.

Junto com a renovação dos governos e das assembleias estaduais, no ano seguinte (1986), os eleitores escolhem os deputados e senadores para a Assembleia Nacional Constituinte para a missão de redigir uma nova Carta Magna. Promulgada em 05 de outubro de 1988, a Constituição Federal, denominada Cidadã, mantém o presidencialismo como o sistema de governo do Brasil e restabelece eleições por sufrágio universal para todos os cargos do executivo (prefeito, governador e presidente), em dois turnos e para mandatos de quatro anos. As primeiras eleições diretas para presidente acontecem em 1989 marcando “o início efetivo do regime democrático no país e o final do longo processo de transição política que começara quinze anos antes” (Arturi, 1995, p. 28).

Alceu de Deus Collares, candidato ao governo em 1982 para apresentar a nova sigla PDT aos gaúchos (MENEGAT; MACHADO, 2016), oito anos depois volta a disputar o executivo, na primeira campanha em dois turnos. Os pedetistas sabiam que os votos de Collares viriam do sentimento anti-ditadura (seu opositor no segundo turno foi Nelson Marchezan, do PDS, portanto alinhado com o antigo regime), da simpatia ao trabalhismo e a Brizola, candidato do PDT a presidente em 1989, com votação consagrada de 3.263.113 votos (60,85% sobre o total no primeiro turno no RS)⁹. O Partido capitaliza este desempenho a favor de Collares nas eleições para o governo do RS em 1990 (NOLL, 1995). Inferimos que também as características pessoais do

⁹ Dados do Tribunal Regional Eleitoral (TRE). Disponível em: <http://www.tre-rs.jus.br/arquivos/tre-rs-1989gerais-rs-resultados>. Acesso em 15 abr. 2019.

político – carisma, boa oratória, simplicidade e humildade – possam ter contribuído para o sucesso.

Nosso objetivo neste estudo é compreender como Collares se apresentou aos eleitores, as suas estratégias, a estética e os argumentos para a conquista da maioria dos votos. Recorremos a autores da Comunicação, da Política e da História para contextualizar o período, identificar os acontecimentos políticos e as estratégias comunicacionais. Seguimos as orientações metodológicas da pesquisa histórica documental e da História Oral; a abordagem é qualitativa, com uso de fontes primárias e secundárias. Como técnicas para a busca de dados bio-bibliográficos, recorreremos aos depoimentos de Collares (duas horas de entrevista presencial em 2016) e a trechos de entrevistas do livro “O Voto e o Pão” (2015) e do documentário com suas memórias “Alceu Collares: o voto e o pão” (2015), material articulado ao contexto da campanha eleitoral de 1990.

Diferente das demais campanhas que estudamos¹⁰, não localizamos produção científica sobre a eleição de 1990; se comparadas aos de outros anos, também são escassos os materiais publicitários desse candidato. Fizemos contato com a assessoria de Collares e buscas em edições do jornal *Zero Hora*, no acervo do Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, no período entre agosto e novembro de 1990. Encontramos, fotografamos e constituem o corpus de análise: um cartão-promocional, diversas notícias sobre a campanha¹¹, fragmentos das entrevistas presenciais, do livro “O Voto e o Pão” (2015) e do documentário Alceu Collares: o voto e o pão” (2015).

CONTEXTO POLÍTICO E O TRABALHISMO

Durante a década de 1970, o sistema político brasileiro continua baseado no bipartidarismo¹² MDB/ARENA, com eleições indiretas para prefeitos, governadores e

¹⁰ Esta é uma das nove etapas da pesquisa “Propaganda e Democracia: Campanhas vencedoras para o governo do Rio Grande do Sul entre 1982 e 2014”, que busca produzir conhecimento sobre as estratégias discursivas de texto e imagem das campanhas eleitorais vencedoras para o governo do Estado durante o período que chamamos redemocratização.

¹¹ Os anúncios focavam candidatos do PDT a cargos do Legislativo.

¹² Como Seiler (2000, p. 30) elucida: “de fato, toda vez que no mundo uma democracia cai sob os golpes de alguns militares fanfarrões ou de alguns partidos monopolistas, o primeiro ato instaurado pelos novos senhores é abolir os

presidente. O ex-governador relembra: “Não havia liberdade de expressão democrática, os líderes políticos eram cassados, obrigados a viver no exílio. Muitos foram torturados, dados como desaparecidos, mortos” (COLLARES, 2015, p. 80). No contexto da repressão e censura, alguns políticos, clandestinamente, começam a reorganizar o PTB. Com a morte de João Goulart, em 1976, Leonel Brizola, exilado no Uruguai, torna-se o principal líder do partido e busca revitalizar a legenda, apoiado por outros políticos, dentre estes Collares.

Vem a anistia e inicia-se o processo de redemocratização, Brizola retorna do exílio, em 1979, ano que coincide com a volta do pluripartidarismo ao sistema eleitoral brasileiro. Muitos políticos desejam recuperar siglas partidárias anteriores à Ditadura Militar; Brizola tenta reaver a do Partido Trabalhista Brasileiro, mas é surpreendido pela ação concorrente de Ivete Vargas, sobrinha-neta de Getúlio Vargas, que também entra na Justiça para reivindicar a posse da legenda. Depois de várias disputas judiciais no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o registro da legenda é concedido ao grupo liderado por Ivete Vargas, o que provoca profunda tristeza em Brizola. Collares sobre o episódio:

Quando lhe tiraram a sigla, em um processo evidentemente ilícito, mas sabendo o que estavam fazendo, tendo consciência de que o Brizola, com a sigla PTB, seria presidente da República. Então deram um jeito de impedir que ele se apropriasse daquilo que era dele, e era nosso. O PTB foi uma criação de super-inteligência política do Getúlio, em 1943. Criou o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, que tinha, sem dúvida alguma, uma enorme aceitação no meio da classe trabalhadora, porque o trabalhismo com o Getúlio, com o Jango, com o Brizola, com o Pasqualini, com o Darcy Ribeiro, comigo e com outros, era instrumento de permanente defesa da classe trabalhadora (COLLARES, 2016).

Inconformados com a decisão do TSE e acreditando que este novo PTB não representava os antigos ideais trabalhistas, o grupo liderado por Brizola resolve fundar um novo partido. A base do novo partido foi definida na “Carta de Lisboa” - redigida pelo grupo ainda no período em que tentavam reaver o antigo PTB – que estabelecia:

O novo Trabalhismo contempla a propriedade privada, condicionando seu uso às exigências do bem-estar social. Defende a intervenção do Estado na economia, mas como poder normativo, uma proposta sindical baseada na liberdade e na autonomia sindicais e uma

sociedade socialista e democrática (Partido Democrático Trabalhista, 1979)¹³.

Em 1982, Alceu Collares - então deputado federal em terceiro mandato - tem o nome indicado e aceita disputar o cargo de governador do Rio Grande do Sul. Ele abre mão do mandato parlamentar na Câmara Federal para concorrer ao executivo gaúcho. Seria a primeira disputa após o golpe de 1964, significativa demais para o PDT não ter candidato. Collares sabia da dificuldade de uma vitória, conhecia bem os adversários e o contexto político, mas não titubeou em aceitar concorrer, pois queria marcar posição, dar visibilidade e institucionalizar a sigla PDT, recém-criada pelo grupo.

Nesse período, Collares encontra Neuza Canabarro, que havia sido exonerada do cargo de diretora após uma greve do magistério considerada “ilegal” pelo antigo governo. Ela foi procurada e convidada a filiar-se no PDT, torna-se companheira de partido, de lutas políticas e, mais adiante, a segunda esposa: “A Neuza na minha vida foi um fator de extrema importância, de significação muito grande” (COLLARES, 2015, p. 99).

Collares ficou em terceiro lugar nas eleições para governador em 1982: “Fiz 800 mil, e tiramos os votos que faltavam para ele [Simon] ganhar do Jair. Mas nunca nos passou, nós queríamos tanto somente implantar a presença do trabalhismo” (COLLARES, 2016). Essa campanha, segundo Collares, “foi extremamente importante para a construção do PDT e para o meu próprio futuro político. A partir daquele momento percebemos que poderíamos e que iríamos vencer. Era só uma questão de tempo” (COLLARES, 2015, p. 93).

Collares, que havia se desincompatibilizado da Câmara Federal, fica sem cargo eletivo até 1985, ano em que decide concorrer à prefeitura de Porto Alegre, naquela que seria a primeira eleição direta para as capitais pós-ditadura militar. A disputa, então, era em um único turno; Collares vence com mais de 257 mil votos, uma “vitória extraordinária do trabalhismo rio-grandense e porto-alegrense” (COLLARES, 2015, p. 99). A terceira vitória do político do PDT vem na eleição seguinte, em 1990, para o governo do Rio Grande do Sul.

¹³ Site PDT. Disponível em: <https://www.pdt.org.br/index.php/carta-de-lisboa-marco-do-trabalhismo-na-redemocratizacao-do-brasil/>. Acesso em: 19 mai. 2016.

BIOGRAFIA DO CANDIDATO DO PDT

Alceu de Deus Collares nasce em 1927, no Povo Novo, zona rural de Bagé, Rio Grande do Sul. Filho de pai negro e de mãe índia, de família muito pobre, desde cedo teve que ajudar em casa vendendo laranjas: “Foi uma infância como todas as infâncias do mundo da periferia, da pobreza, da miséria, da falta até de comida” (COLLARES, 2015, p. 20). Aos treze anos de idade, busca novas perspectivas, pede ao pai para lhe arranjar um emprego. Ingressa, então, nos Correios e Telégrafos, em Bagé, e faz sua carreira até ser transferido para Porto Alegre, em 1956. Na Capital, cursa Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e passa também a dar aulas de português em um curso de preparação para concursos na ACM (Associação Cristã de Moços).

Collares começa a expressar as suas ideias e os fundamentos ideológicos, admirando os ideais do trabalhismo e o getulismo¹⁴. Preocupa-se com a oratória e treina expressão verbal com colegas na ACM, chegando, inclusive, a ir a São Paulo para realizar um curso de oratória. Ele ingressa no PTB, em 1959, participa ativamente da luta classista e envolve-se em questões relacionadas aos servidores, aos telegrafistas e postalistas.

Já formado em Direito, Collares inicia carreira política na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, no ano de 1963, com uma candidatura lançada pelos seus colegas dos Correios e Telégrafos: "O PTB era muito grande, tinha grandes nomes como candidatos, e era muito difícil colocar um nome ainda sem expressão. E eu não tinha nome, nem era um ilustre desconhecido, era só desconhecido" (COLLARES, 2015, p. 49). Collares candidata-se a vereador como representante classista na chapa do PTB; mesmo com uma campanha muito escassa, de muito trabalho e poucos recursos, consegue eleger-se vereador.

O golpe militar, em 31 de março de 1964, depõe o presidente João Goulart e passa a perseguir comunistas, trabalhistas e outros adversários políticos. Vereador havia três meses, Collares consegue que seu mandato não seja cassado, ao contrário, foi escolhido como líder da bancada do PTB na Câmara Municipal. Com a extinção dos

¹⁴ Credita-se ao trabalhismo o rearranjo do sistema político-econômico, com endosso do direito dos trabalhadores aos direitos sociais. Com tais valores, Getúlio Vargas desperta empatia em sua campanha presidencial e nos dois períodos que governa o país (1930-1945, 1951-1954) incorporando as massas às instituições republicanas. O getulismo é uma derivação do trabalhismo (NEGRO, 2004, p. 19).

partidos pelo Ato Institucional nº 2, em 1965, o vereador passa a integrar o MDB, que reuniu a oposição à ARENA, partido dos militares e apoiadores. Dois anos depois de ter sido eleito vereador, Collares tenta vaga a deputado federal, mas não alcança vitória. Volta ao seu cargo de vereador, sendo reeleito ainda uma vez (COLLARES, 2015).

Em 1970, o político disputa cadeira de deputado federal, é eleito com expressiva votação. Além deste, Collares conquistou mais dois mandatos para a Câmara Federal, sendo um dos parlamentares mais premiados pelos jornalistas dada a sua preocupação com a defesa das questões sociais. Dentro do MDB, o político gaúcho integra o grupo chamado Autênticos, junto com Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e outros que defendiam uma postura mais efetiva contra a ditadura militar (COLLARES, 2015).

A CAMPANHA ELEITORAL PARA O EXECUTIVO DO RS EM 1990

A primeira campanha para governador disputada em dois turnos coincide com o período em que o país sente os impactos do Plano Collor¹⁵; os candidatos e partidos têm dificuldade para angariar recursos, em função do congelamento das aplicações financeiras. Os horários eleitorais na televisão e no rádio convertem-se, então, nos principais pontos de contato entre os candidatos e os seus eleitores; as campanhas nas ruas, com distribuição de santinhos e de brindes ainda aconteciam, porém com menos intensidade do que nas eleições anteriores. A previsão de gastos enviada ao TRE pela coordenação da campanha Collares foi 300 milhões de cruzeiros, mas o valor não é alcançado. A vitória vem com o trabalho de militantes, prefeitos e vereadores dos partidos, que junto com o PDT formam a coligação Frente Progressista Gaúcha - partidos PDT, PC do B¹⁶ e PSDB¹⁷ (ZERO HORA, 31 ago. 1990, p. 4-5).

Os principais adversários de Collares foram José Fogaça (PMDB), Nelson Marchezan do PDS e coligação União por um Novo Rio Grande e Tarso Genro do PT pela Frente Popular. Collares conta com o apoio do ex-governador do RS, Leonel Brizola; Fogaça com o de Pedro Simon, também ex-governador; Tarso Genro com Lula;

¹⁵ Plano Collor e Plano Collor II são tentativas para conter a inflação e estabilizar a economia, implantados no governo de Fernando Collor de Melo, a partir da sua posse em 1990. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/plano-collor>. Acesso em 12 dez. 2018.

¹⁶ Partido Comunista do Brasil.

¹⁷ Partido da Social Democracia Brasileira.

Marchezan com o presidente Collor. A cédula eleitoral do primeiro turno tem ordem definida por sorteio realizado pelo TRE, Collares é o primeiro, seguido por Fogaça, Tarso e Marchezan (*ZERO HORA*, 11 ago. 1990, p. 6).

A força da Frente Progressista Gaúcha localiza-se nos centros urbanos, região metropolitana e em grandes municípios do Rio Grande do Sul. Segundo Collares, em matéria do jornal *ZH*, a sua coligação sai em vantagem, pois foi a primeira a ser formada, a divulgar propostas concretas para o governo do estado e a consultar a população por meio dos fóruns municipais, que funcionavam para que as necessidades regionais fossem atendidas pelo programa de governo. Também foram “os únicos identificados com a liderança de Brizola e com a oposição aos governos atualmente no poder, em nível federal, estadual e municipal” (*ZERO HORA*, 02 ago. 1990, p. 4-7 e 03 ago. 1990, p. 6).

Integram a coordenação de campanha da Frente Progressista Gaúcha: o coronel da reserva da Brigada Militar Adão Eliseu de Carvalho, no cargo de coordenador administrativo; José Newton Machado, coordenador político e responsável pelas equipes que produziam os programas de TV e rádio; a advogada Neiva Santos e Silva, responsável pela agenda de Collares; o deputado estadual Carlos Araújo, coordenador da mobilização de campanha em Porto Alegre; o advogado Flávio Obino, coordenador de finanças; e o economista Walter Nique, que coordenava o conselho técnico responsável pelas vinte áreas que compunham o plano de governo da Frente. Outros experientes colaboradores envolvidos com a campanha: o ex-secretário de Cultura Joaquim Felizardo, o advogado e ex-vereador de Porto Alegre Geraldo Brochado da Rocha, a economista Dilma Linhares, o ex-diretor do Departamento Municipal de Água e Esgotos Carlos Alberto Petersen, o advogado Geraldo Gama, Leonel Brizola, sempre um valoroso conselheiro, e o assessor deste, Carlos Contursi (*ZERO HORA*, 30 set. 1990, p. 10).

ZH informa que os programas de rádio e TV produzidos pela Frente Progressista, durante o primeiro turno, são considerados os melhores pelos eleitores. Nas pesquisas divulgadas pelas mídias, Collares aparece em primeiro lugar, motivando a ofensiva da Frente Progressista para a vitória já no primeiro turno. Mas esta não acontece dada a série de ataques e polêmicas envolvendo o pedetista, a principal

protagonizada pela sua ex-mulher, Antônia Medeiros. Em entrevista ela o acusa de abandonar a família e de omitir dados sobre bens e propriedades da Justiça Eleitoral. Aparecem na cidade pichações “Collares traidor. Traiu a esposa, trairá o povo” um dia após o casamento do candidato do PDT com Neuza Canabarro (*ZERO HORA*, 14 ago. 1990, p. 6; 07 set. 1990, p. 10 e 23 set. 1990, p. 6).

Na reta final do primeiro turno, a vantagem de Collares é ameaça por Marchezan; segundo pesquisa do Instituto Datafolha publicada em *ZH*, este aparece em primeiro lugar nas intenções de voto para governador. O candidato de Brizola passa a atacar Marchezan, questionando a sua relação com a ditadura militar. Nas duas últimas semanas do primeiro turno, o pedetista volta a principal alvo dos adversários, que replicam as acusações de Antônia Medeiros, possíveis erros e improbidade durante seu mandato como prefeito de Porto Alegre (entre 1985 e 1989). A distribuição de panfletos com difamações contra Collares são o estopim, ele desabafa em seu programa de TV e rádio, o PDT solicita investigação do TRE (*ZERO HORA*, 17 set. 1990, p. 9; 19 set. 1990, p. 2; 28 set. 1990, p. 10; 29 set. 1990, p. 8; 30 set. 1990, capa e p. 6).

A Frente Progressista muda a estratégia dos programas de rádio e TV, no final do primeiro turno da campanha dá mais protagonismo a Collares e desenvolve caravanas pelo Rio Grande do Sul. O candidato mantém a confiança de ganhar a eleição, dança, samba e brinca com os eleitores, cultiva a imagem de “O Negrão”, o homem que veio da pobreza, o homem do povo (*ZERO HORA*, 21 set. 1990, p. 6 e 30 set. 1990, p. 15). O resultado do primeiro turno indica 1.464.181 votos para Collares e a disputa do segundo turno com Marchezan (1.349.903 votos)¹⁸.

Nesta etapa, o nome Collares ocupa a segunda posição na cédula eleitoral; a coordenação da campanha muda, entram os políticos Matheus Schmidt e Sereno Chaise, e como assessora pessoal a esposa Neusa Canabarro. A campanha de Collares investe em roteiros pelo interior do RS, com o propósito de reconquistar os votos perdidos para Marchezan, ocasião em que o candidato concede entrevistas para rádios e outras mídias locais.

¹⁸ Fogaça conquista 833.530 votos e Tarso Genro 412.551 votos. TRE. Disponível em <http://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/1990>. Acesso em 12 dez. 2018.

O opositor agrega a figura da ex-mulher Antônia Medeiros como apoiadora, outra forma de ataque do candidato do PDS é questionar a venda de terrenos da prefeitura de Porto Alegre na gestão Collares, acusação da qual foi inocentado pelo Tribunal de Contas do Estado, gerando processo contra Marchezan por calúnia, injúria e difamação. Collares também questiona de onde vinham os bens do candidato. O rádio e a TV seguem como protagonistas, aparecem críticas ao presidente Collor, promessas de continuar as obras começadas por Simon e Guazzelli e a comparação entre os passados de Collares e Marchezan (MDB x ditadura) são os argumentos na reta final da campanha. O pedetista recebe apoio do PT, do PMDB (apoio crítico de Pedro Simon, para quem Collares é o “menos ruim”), de prefeitos do interior e de grupos maçons. Ele tenta, mas o PTB opta pela neutralidade (*ZERO HORA*, 20 out. 1990, p. 6; 23 out. 1990, p. 6; 29 out. 1990, p. 6 e 8; 30 out. 1990, p. 6; 01 nov. 1990, p. 6; 06 nov. 1990, p. 6; 15 nov. 1990, p. 6 e 19 nov. 1990, p. 8).

Com 2.319.400 votos¹⁹, Collares é eleito governador do RS. Ele comemorava com festa e povo nas ruas, em entrevista afirma estar de “alma limpa”, que não guardava mágoas da campanha, defendendo a pacificação do Rio Grande (*ZERO HORA*, 26 nov. 1990, capa; 27 nov. 1990, capa).

AS CARACTERÍSTICAS DE COLLARES

Alceu Collares é um político carismático, exerce influência e liderança por intermédio da dominação legítima, que de acordo com Max Weber é a “veneração extracotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas”. A dominação resulta diretamente da crença no carisma do líder e só tem validade quando os dominados o reconhecem e ele é consolidado através de “provas” – a veneração de heróis, a confiança no líder, a entrega à revelação (WEBER, 1922, p. 141 e 159).

Collares sempre teve preocupação com a oratória para aperfeiçoar os seus dons natos, essa originada da tradição clássica e da relação dos gregos com o discurso; ensinavam nas escolas as artes de dominação das palavras, atentando para os graus de

¹⁹ TRE. Disponível em <http://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/1990>. Acesso em 12 dez. 2018.

sutileza e a preocupação com a sua estruturação. Se de expressão oral, o discurso era visto na disciplina retórica²⁰, arte praticada, principalmente, pelos atores públicos (CITELLI, 2005). Ferraz (2008) observa que mesmo a forma mais simples de oratória envolve uma certa dramaturgia, pois a questão não é apenas falar, mas fazê-lo de modo convincente, de forma a persuadir o ouvinte. A persuasão, não como sinônimo de enganação, pode ser entendida como o “resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o destinatário”, ou seja, fazer-se ouvido, reter a atenção, emocionar e persuadir pessoas com argumentos (CITELLI, p. 15, 2005).

Collares segue um professor em São Paulo, autor de um livro, que lhe ensinou sobre “os fatores ideológicos da oratória, da comunicação, da capacidade de expressão. Mas, me disse assim: ‘Ora, é igual a outra atividade. Tem uma parte ideológica, mas tem que treinar no espelho’. E até hoje faço. Até hoje eu faço isso” (COLLARES, 2016). Ele lembra o discurso sobre a fixação do salário mínimo decretado durante a ditadura militar, na condição de deputado federal pelo MDB. Sua fala foi marcante sobre o salário mínimo brasileiro, afirmando que era um “roubo oficializado contra 45 milhões de brasileiros que vivem passando fome e trabalhando quase de graça” (COLLARES, 2016). Segue o ex-deputado:

Numa determinada oportunidade, parece que era o Figueiredo, fixou o salário mínimo. E eu fui ver quanto que era o valor pra alimentação. Fui no supermercado, botei num balaio, fui pra tribuna e fiz um discurso. Disse: ‘Agora eu vou descer da tribuna, vou levar essa cesta aqui, com esse rancho que eles dizem que é suficiente, para o Ministro do Trabalho passar para a família dele e dizer pro presidente que estão tirando dinheiro, que estão roubando do trabalhador’. E atravessei com a cesta no braço. Eu tinha facilidade, porque quando guri eu era vendedor de laranja. Tinha prática com a cesta, não é? Atravessei, fui lá no Ministério e deixei na frente. (...) E aquele cesto foi pra um sindicato em São Paulo, como uma espécie de homenagem à audácia que eu tive de dizer que foi o ministro do trabalho que tinha que passar com a família pra ver o quando era infame e injusto o valor do salário do mínimo (COLLARES, 2016).

Também marcam a imagem política de Collares a sua maneira de discursar, inspirada nos líderes Jânio Quadros, Carlos Lacerda e Leonel Brizola, que ele classifica

²⁰ A retórica pode ser diferenciada da eloquência, na medida em que “eloquência é talento, dom natural, a capacidade de pressionar, de comover e de convencer. A retórica é a arte que desenvolve os dotes através de exercícios e de regras especiais”, potencializa energia, talento e emoção, disciplina o raciocínio, ordena “os pensamentos de forma a tudo dispor com clareza e simplicidade, características da correta manifestação verbal” (FERNANDES NETO, 197, p. 37-39).

como três grandes oradores. Destaca o companheiro Brizola, modelo pela maneira vagarosa e profunda com que discursava, fazendo-se entender pelo povo “pela forma extraordinária, simples, profundamente sincera como ele fazia os discursos. E ele tinha uma forma de comunicação que os teóricos no campo da oratória diziam não era avançada, mas era a mais avançada que tinha pra comunicação popular” (COLLARES, 2016).

IMAGENS E ARGUMENTOS DA CAMPANHA COLLARES EM 1990

Campanha eleitoral é definida por Rubim (2000) como um período de aceleração do campo político, em que são deflagrados os processos de disputa e captura de votos. É concentração e dinamismo, dura em média 60 dias, e oferece aos participantes – partidos e candidatos - a oportunidade de máxima visibilidade, pois é composta por diferentes atos públicos, políticos e midiáticos, para os quais os concorrentes preparam-se e participam com promessas/discursos e materiais impressos, audiovisuais e, mais recentemente, digitais. O conjunto de peças do candidato Collares, que apresentamos e analisamos a seguir, tem um único objetivo, interrelacionam-se e integram-se, constituem a parte tangível da campanha eleitoral²¹ (TOALDO; MACHADO, 2013).

Poema “O Voto e o Pão”– é um “manifesto” escrito por Collares, em 1977, traduz pensamentos e inspirações políticas que conduziram a sua vida pública. Declamado pelo candidato durante o horário eleitoral transmitido pela televisão e no rádio, bem como em outras ocasiões públicas, ele o tem sempre na memória; destacamos alguns versos que identificam seus argumentos:

Mandam no teu destino/ Mas ele é teu, meu irmão/ Ergue teus braços finos/
E acaba com a exploração/ FAZ A TUA REVOLUÇÃO!/ O voto é tua única
arma/ Põe o teu voto na mão (3x)/ (...) Escravismo, feudalismo, capitalismo/
Socialismo, tudo em vão/ Vai milênio, vem milênio/ E continuas na
escravidão/ FAZ A TUA REVOLUÇÃO!/ (...) Construístes com teu trabalho
toda riqueza desta nação/ Por justiça tens o direito/ Vai pegar o teu quinhão/
FAZ A TUA REVOLUÇÃO!/ (...) A liberdade é o pão do espírito/ é o

²¹ Peças que em 1990 a lei facultava às campanhas eleitorais: adesivos, balões, bandeiras, *banners*, *bottons*, camisetas, canetas, capa de capô ou de retrovisor para carros, cartões de visita, chaveiros, comercial televisivo, *display*, faixas, fitas, folheto/panfleto, *jingle*, jornal, santinhos, *spots*.

pão/Desperta para a luta amigo/ (...) FAZ A TUA REVOLUÇÃO!/ O voto é tua única arma/ Põe o teu voto na mão (3x) (COLLARES, 2015).

O refrão “O voto é tua única arma, põe o teu voto na mão” tornou-se o bordão da campanha de Collares, sendo inclusive colocado uma faixa, em um prédio do Centro de Porto Alegre (Figura 1).

Figura 1- Faixa colocada no Centro de Porto Alegre



Fonte: *ZERO HORA*, 22 nov. 1990, capa

Santinho – peça fundamental para levar a foto, o nome e número do candidato e partido. Em 1990, identificamos que essas peças ficaram prejudicadas pelas restrições do orçamento. Notícia no jornal *ZH* indica a impressão no primeiro turno de somente um milhão de santinhos para Collares. Não tivemos acesso a nenhum exemplar do candidato (*ZERO HORA*, 31 ago. 1990, p. 4).

Argumentos do discurso em comícios e nos textos das peças publicitárias – o recurso mais utilizado nos slogans foi lembrar a origem pobre e a maneira na qual Collares ascende na vida: “de jornaleiro a governador”, “a força que vem do povo” e “neste, o povo confia”. Outra referência é ao trabalhismo (Figura 2) e ao líder máximo do PDT: “Collares vai fazer no Rio Grande o que não deixaram Brizola fazer no Brasil: um grande governo”; “Collares, assume o comando e conduz o trabalhismo à vitória no Rio Grande”, esta assinada por Brizola em cartão impresso.

Figura 2 - Cartão Collares Governador



Fonte: Acervo, Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, 1990

Jingles - no primeiro turno, 120 músicos do grupo “Bando da Música” gravaram o “Canto do Povo”; Collares reuniu-se com eles no Galpão Crioulo, cantou e foram captadas cenas para os programas de TV. A letra e o arranjo do *jingle* alteram-se para o segundo turno, o refrão “Governador é Collares, tchê!” se mantém (*ZERO HORA*, 30 set. 1990, p. 15 e 08 out. 1990, p. 10). A letra dessa última versão (não tivemos acesso à do turno inicial) emprega expressões e palavras: nossa voz, crescer e realizar, nossa força, nossa gente, alegria, amor, liberdade, vai nascer um novo dia, voto é consciente, Rio Grande progredir, é hora de construir, dessa vez é pra melhorar, é pra valer, unido, vencer, Collares, tchê, força, povo.

Campanhas na TV e no rádio – as emissoras transmitiam os programas eleitorais obrigatórios duas vezes ao dia, de manhã das 8h às 9h e de noite das 20h30 às 21h30. Durante o primeiro turno, os programas de Collares foram produzidos pela Fundação Educacional Padre Landell de Moura (FEPLAM) e consumiram 45% a 50% da verba total da campanha. No começo do programa de TV a chamada “A força que vem do povo”. Na reta final do primeiro turno a estratégia utilizada pela equipe de Collares foi a cautela, sem ousadias ou muita criatividade para que a candidatura não fosse colocada em risco. Na maioria dos momentos Collares permanece no estúdio, falando com a população de maneira simples, inteligível para o povo. Momentos marcantes dos programas de TV do primeiro turno foram os artistas cantando seu *jingle*, “Governador é Collares, tchê”, e o pronunciamento emocionado do candidato respondendo a um panfleto que o difamava com supostas acusações de Antônia Medeiros, sua ex-mulher (*ZERO HORA*, 02 ago. 1990, p. 4; 28 set. 1990, p. 10 e 30 set. 1990, p. 15).

No segundo turno, a campanha repaginou-se: uma nova produtora de vídeo, a Prisma, foi contratada com o objetivo de melhorar a qualidade da imagem, mais cenas externas foram adicionadas aos programas e a coordenação passa para Carlos Bastos, ex-gerente de telejornalismo da Rede Brasil Sul de Televisão (RBS-TV). Na reta final da campanha Marchezan interpela Collares a respeito de sua gestão como prefeito de Porto Alegre. O candidato do PDT defende-se com depoimentos de populares e imagens suas no meio do povo. Por conta desses ataques, que já haviam acontecido no primeiro

turno, Collares começa a obter direito de resposta²², tantos que na reta final do segundo turno o TRE ameaça suspender programas que tivessem ataques pessoais (*ZERO HORA*, 06 nov. 1990, p. 10; 07 nov. 1990, p. 6 e 10 nov. 1990, p. 10).

Outra marca dos programetes no horário eleitoral (segundo turno) é o samba: “Cola cola, Alceu Collares/ Esse cola vai colar/ Cola cola/ E o que não cola é ficar no blá blá blá/ Está gravado na memória/ Todos sabem em quem votar/ Cola cola, Alceu Collares/ Vem aí pra governar”. Sincronizadas ao som do verso “e o que não cola é ficar no blá blá blá” aparece a imagem do opositor Marchezan, na parte “está gravado na memória” a de Brizola. Nas entrevistas coletivas, a foto de Brizola também é “fundo” para a imagem de Collares.

Carreatas – Collares aposta nas carreatas pelo interior do estado, em Porto Alegre e na região metropolitana, como forma de se aproximar dos seus eleitores. Faz dessa a sua marca registrada na campanha ao governo do RS em 1990: além de agitar as bases partidárias nas cidades por onde passa, serve para gravar imagens para os programas de TV. Durante o primeiro turno, em algumas ocasiões, Collares teve a companhia e o apoio de Brizola, sempre recebido com entusiasmo e otimismo pelos eleitores com gritos: “Brizola, Brizola, Brizola”. No segundo turno o número de carreatas diminuiu, dando espaço para as caminhadas, para o aperto de mão e os comícios (*ZERO HORA*, 03 set. 1990, p. 2; 16 out. 1990, p. 14 e 18 nov. 1990, p. 10).

Comícios – oportuno lembrar que a longa ditadura havia interrompido esses ritos da cultura política. Na primeira fase da campanha de 1990, os candidatos preferem carreatas e reuniões em locais fechados, com militantes fiéis; seus discursos são adequados aos públicos, categorias de trabalhadores e associações de classe. No turno decisivo são realizados comícios no interior e em Porto Alegre – quatro destes em vilas, ocasiões em que Collares explica: “a esquerda é dos pobres e a direita dos ricos”. Seus comícios são regados a samba, suor e cerveja (*ZERO HORA*, 03 set. 1990, p. 2; 12 nov. 1990, p. 6 e 18 nov. 1990, p.10).

Debates – no primeiro turno os debates são na TV Bandeirantes, na UFRGS, na TVE, na Rádio Gaúcha e, por último, na RBS. Durante o segundo turno, com os jornalistas –

²² Direito de se defender de críticas públicas no mesmo ambiente na qual elas foram publicadas.



no almoço anual da Comunicação Social promovido pela Associação Riograndense de Imprensa e uma sabatina com prefeitos na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. No segundo turno, para os debates de TV e rádio, Collares impôs três condições: a transmissão simultânea desses para todas as redes de TV e rádio, a ocorrência de dois debates e que estes se resumissem a troca de ideias, sem injúrias e ataques. O que não se verifica; já no primeiro debate do segundo turno, promovido pela Rádio Guaíba, Collares é questionado sobre os terrenos vendidos no tempo como prefeito de Porto Alegre (os planos de governo dos candidatos ficam em segundo plano). No último debate, o único realizado na TV e que foi transmitido por todas as emissoras em um domingo à noite, segue o mesmo padrão de ataques: os candidatos contestam as suas autonomias – Collares dependente de Brizola e Marchezan de Collor. Também são questionados os bens pessoais de cada um, resultando na proposta de investigação levada por ambos à Polícia Federal no dia seguinte (*ZERO HORA*, 25 out. 1990, p. 6; 01 nov. 1990, p. 13; 10 nov. 1990, p. 8; 11 nov. 1990, p. 10; 13 nov. 1990, p. 7; 19 nov. 1990, p. 6 e 8 e 20 nov. 1990, p. 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Collares foi o primeiro e, até agora, é o único governador negro do RS, um autêntico representante do trabalhismo: de família pobre, constrói a vida baseada em trabalho desde a adolescência, período em que vende laranjas para ajudar no sustento da casa. As atividades laborais não o afastam dos estudos; ele cursa Direito na Universidade Federal, quando então era raro o ingresso de um estudante negro com origem humilde. Jovem ainda compreende o valor da oratória para um advogado e aprimora a expressão verbal. Na política Collares mantém o olhar atento aos grandes oradores, preocupa-se com a memorização, tem cuidado com a Língua Portuguesa e treina seus discursos. Essa formação é, sem dúvidas, uma das características do político pedetista, determinante para o seu desempenho nos palanques e para a construção da sua carreira política, que inicia com mandato de vereador, segue como deputado federal, prefeito de Porto Alegre, até chegar ao cargo máximo do executivo do Estado.

O ex-governador tem memória privilegiada e mantém o bom humor, como pudemos perceber durante a entrevista. Ele conta sobre o choro de Brizola ao perder a



sigla PTB. Com ideias e ideais, Collares empenha-se pessoal e politicamente para reorganizar o trabalhismo sob a sigla PDT, a partir do sul do Brasil. Ele age e faz campanhas para dar visibilidade e institucionalizar a nova sigla, candidata-se três vezes a cargos executivos durante a primeira década da redemocratização.

Homem carismático, com talento natural para emocionar as pessoas, o pedetista comunica-se diretamente, de forma popular, clara e enfática, condições que alicerçam o seu desempenho nos palanques. Simplicidade, humildade e virtuosidade são características de Collares, que marcam a carreira política com episódios como o do discurso sobre a fixação do salário mínimo, decretado durante a ditadura militar, quando raros eram os que enfrentavam o governo. Tais características pessoais aparecem na comunicação da campanha, com os slogans “de jornalista a governador”, “a força que vem do povo” e “neste, o povo confia”. O povo também é valorizado na letra do *jingle*, em sintonia com os ideais do trabalhismo: Collares é a “voz que vem do povo”, ele é do povo e este governaria com ele. Ou seja, Collares é “um de nós”, logo, ele sabe de nossas necessidades e vai atendê-las.

Brizola, eleito em primeiro turno governador do Rio de Janeiro, é cabo eleitoral importante para o candidato do PDT na campanha de 1990, o trabalhista realizou visitas ao RS, participou de programas eleitorais para a TV e o rádio, apresentou e elogiou Collares, pediu votos, participou de comícios e carreatas. Estas podem ser consideradas a marca registrada do primeiro turno da campanha do PDT ao governo do RS. Além de agitar as bases partidárias nas cidades por onde passam, as carreatas servem para gravar imagens para os programas de TV: os políticos sendo recebidos com entusiasmo e otimismo pelos eleitores. No segundo turno, o número de carreatas diminuiu, dando espaço para as caminhadas, para o aperto de mão e os comícios, ritos que remetem às origens da política.

Collares (2015) reconhece-se como herdeiro político do trabalhismo, em 1990 sabia da responsabilidade que pesaria sobre seus ombros ao chegar ao Palácio Piratini, sede do governo gaúcho: “primeiro, porque aqui estivera Getúlio Vargas; segundo, porque aqui estivera também o nosso companheiro extraordinário Leonel Brizola”. O ex-governador completa, ambos “deixaram obras maravilhosas, cada um escrevendo



Alcar
2019

XII Encontro Nacional de História da Mídia

19 A 21 DE JUNHO DE 2019 | NATAL/RN

ISSN: 2175-6945

com a sua consciência, com a sua capacidade de prestação de serviço, mas principalmente, com o seu amor pelo povo rio-grandense”.

REFERÊNCIAS

Alceu Collares: o voto e o pão. Direção de Gilberto Lima. Produção de Helena Canabarro, Liliane Perin. Realização de Fato Singular Projetos Culturais e Eventos. Roteiro: Gilberto Lima. Porto Alegre: Casa de Criação, 2015. Son., color. Legendado.

ARTURI, Carlos S.. As eleições no processo de transição à democracia no Brasil. In: BAQUERO, Marcello (Org.). **Brasil: transição, eleições e opinião pública.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 9-33.

BAQUERO, Marcello; PRÁ, Jussara Reis. **A Democracia Brasileira e a Cultura Política no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2007.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão.** São Paulo: Editora Ática. 2005.

COLLARES, A. Entrevista concedida pelo ex-governador Alceu Collares ao projeto de pesquisa “Propaganda e Democracia: Campanhas vencedoras para o governo do Rio Grande do Sul entre 1982 e 2014”. Depoimento [abril 2016]. Entrevistadora: M. B. da C. Machado. Porto Alegre: Residência do político, 2016.

COLLARES, A. **O Voto e o Pão.** 1ª ed: Porto Alegre, 2015.

FERNANDES NETO, Antonio Joaquim. **Comunicação e persuasão.** São Paulo: Sugestões Literárias, 1971.

FERRAZ, Francisco. **Manual Completo de Campanha Eleitoral.** Porto Alegre: L&PM, 2008.

MENEGAT, Francisco; MACHADO, Maria Berenice da Costa. **Alceu Collares e a institucionalização da sigla PDT no RS.** In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2016, Ponta Grossa. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/6o-encontro-2016/historia-da-publicidade-e-da-comunicacao-institucional/alceu-collares-e-a-institucionalizacao-da-sigla-pdt-no-rs/view>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

NEGRO, Antonio Luigi. **Paternalismo, populismo e história social.** Em: Cad. AEL, v.11, n.20/21, 2004, p. 11-38.



Alcar
2019

XII Encontro Nacional de História da Mídia

19 A 21 DE JUNHO DE 2019 | NATAL/RN

ISSN: 2175-6945

NOLL, Maria Izabel. Partidos e eleições no Rio Grande do Sul. In: BAQUERO, Marcello (Org.). **Brasil: transição, eleições e opinião pública**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, p. 49-66.

RUBIM, A. A. C. **Comunicação e Política**: conceitos e abordagens. São Paulo: Hacker, 2000.

SEILER, D. **Os partidos políticos**. Editora UnB: Brasília, 2000.

TOALDO, M. M. ; MACHADO, M. B. C. . A longevidade de uma campanha publicitária: uma sistematização teórica sobre o tema a partir do seu estado da arte. **Ação Midiática**: Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 1, p. 80-95, 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012. 422 p. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn.

ZERO HORA. Período de agosto a novembro de 1990.